

DIÁLOGOS ENTRE AS PESQUISAS GEOGRÁFICAS E O CONCEITO DE PATRIARCADO¹

DIÁLOGOS ENTRE LA INVESTIGACIÓN GEOGRÁFICA Y EL CONCEPTO DE PATRIARCADO

Aline Motter SCHMITZ²
Caroline Tapia BUENO³

Resumo: As críticas feministas referentes à masculinização da ciência mostraram que a história escrita foi interpretada por homens, em especial brancos e em uma perspectiva ocidental e heteronormativa. Assim sendo, as pesquisas das geógrafas feministas preenchem uma lacuna no conhecimento geográfico, denunciando as invisibilidades históricas. Há, desse modo, a utilização de conceitos centrais para explicar as diferenças de gênero em modelos binários e não binários. Assim, considera-se o conceito de patriarcado importante na compreensão dos papéis sociais hierárquicos entre homens e mulheres, visto que vem sendo difundido nas discussões e pesquisas acadêmicas e nos movimentos sociais. No entanto, tal conceito ainda causa desconforto por parte de muitas (os) estudantes e pesquisadoras (es), que relutam em utilizá-lo, seja pela negação de sua importância, ou pela dificuldade de sua compreensão. Objetiva-se, neste texto, contribuir no entendimento do conceito de patriarcado através de três autoras consideradas fundamentais para o debate – Heleieth Saffioti, Gerda Lerner e Silvia Federici – e, compreender a utilização de tal conceito nas pesquisas no âmbito da Geografia, através da análise de trabalhos no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. A discussão do patriarcado é atual e necessária por explicar muitos fenômenos sociais, econômicos e culturais da sociedade.

Palavras-chave: Patriarcado; Geografias Feministas; Gênero.

Resumen: La crítica feminista a la masculinización de la ciencia ha demostrado que la historia escrita ha sido interpretada por hombres, especialmente blancos, y desde una perspectiva occidental y heteronormativa. Así, las investigaciones de las geógrafas feministas llenan un vacío en el conocimiento geográfico, denunciando las invisibilidades históricas. Por lo tanto, se recurre a conceptos centrales para explicar las diferencias de género en modelos binarios y no binarios. Así, el concepto de patriarcado es considerado importante para comprender los papeles sociales jerarquizados entre hombres y mujeres, ya que ha sido difundido en discusiones e investigaciones académicas y en movimientos sociales. Sin embargo, este concepto aún causa incomodidad a muchos estudiantes e investigadores, que se resisten a utilizarlo, ya sea por negar su importancia o por la dificultad de comprenderlo. El objetivo de este texto es contribuir a la comprensión del concepto de patriarcado a través de tres autoras consideradas fundamentales en el debate - Heleieth Saffioti, Gerda Lerner y Silvia Federici - y entender el uso de este concepto en la investigación en Geografía, a través del análisis de trabajos en el Catálogo de Tesis y Disertaciones de la CAPES. La discusión sobre el patriarcado es actual y necesaria porque explica muchos fenómenos sociales, económicos y culturales de la sociedad.

Palabras clave: Patriarcado; Geografías feministas; Género.

¹ Pesquisa realizada através de reflexões das teses de doutorado das autoras.

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste, campus de Francisco Beltrão, Paraná e professora colaboradora no curso de Graduação em Geografia na mesma instituição. Integrante do Grupo de pesquisa Corpo, Gênero e Diversidade, vinculado à Unioeste. E-mail: alinemotter@hotmail.com.

³ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, campus de Francisco Beltrão. Integrante do Grupo de pesquisa Corpo, Gênero e Diversidade, vinculado à Unioeste. E-mail: caroline.bueno14@gmail.com.

Introdução

Pesquisas apontam que as transformações vivenciadas pela sociedade ao longo dos séculos sempre foram interpretadas e registradas por homens, em especial brancos, numa perspectiva ocidental e heteronormativa, o que comprova a masculinização da ciência. Da mesma forma, na ciência geográfica verifica-se que há uma invisibilidade na participação das mulheres na construção espacial, como alerta Janice Monk, em entrevista à Joselí Maria Silva (2010).

As geografias feministas são leituras temporais e espaciais que podem ser consideradas recentes observando-se a trajetória epistemológica da Geografia. A utilização de conceitos centrais para explicar as diferenças de gênero em modelos binários (homem X mulher) e não binários são importantes nesse contexto. Assim, o conceito de patriarcado torna-se relevante na compreensão dos papéis sociais hierárquicos entre homens e mulheres, pois demonstra uma superioridade do ser masculino nas esferas social, econômica e cultural, com variações no tempo e no espaço.

O conceito de patriarcado vem sendo difundido nas discussões e pesquisas acadêmicas e nos movimentos sociais. No entanto, o tema ainda causa certo estranhamento por parte de muitos (as) estudantes e pesquisadores (as), que relutam em utilizá-lo, seja pela negação de sua importância, ou pela dificuldade de sua compreensão. Objetiva-se, neste texto, contribuir no entendimento de tal conceito através de três autoras fundamentais para sua compreensão, bem como analisar sua utilização nas pesquisas no âmbito da Geografia.

Mas qual é o real significado de patriarcado? Para além de uma palavra, ele é um conceito que há muito vem sendo utilizado por autoras e autores que tratam sobre questões de gênero. O conceito de gênero faz parte do patriarcado? Essas e outras indagações pretende-se abordar ao longo deste texto, a fim de contribuir para seu entendimento e análise.

Existem diversas autoras e autores que tratam sobre a temática apresentada neste trabalho, cada qual com sua perspectiva e método distintos. Aqui, dá-se a discussão do conceito proposto a partir das autoras Heleieth Saffioti, Gerda Lerner e Silvia Federici. Há outras perspectivas para a discussão de patriarcado, inclusive algumas delas contrárias à sua utilização, considerando-o ultrapassado. Contudo, a discussão do conceito de patriarcado é ainda atual e necessária, pois ele explica muitos fenômenos sociais, econômicos e culturais de forma eficaz.

Assim sendo, a primeira parte deste texto objetiva a interpretação do conceito de patriarcado através das autoras clássicas Heleieth Saffioti, Gerda Lerner e Silvia Federici. Na segunda parte, a atualização do estado da arte sobre o tema nas pesquisas geográficas, através

da consulta no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, sendo encontrados seis trabalhos que utilizam tal conceito como palavra-chave. Por último, as considerações finais evidenciam a contribuição do conceito para as pesquisas geográficas.

As Teóricas do Patriarcado: Heleieth Saffioti, Gerda Lerner e Silvia Federici

As autoras utilizadas neste item fazem uma reflexão sobre o significado e a atuação do patriarcado em diferentes espaços e tempos. Exemplificar historicamente as diferentes formas de atuação desse sistema é importante para a compreensão sobre o processo de domínio do ser masculino sobre o feminino.

Neste texto, trata-se especificamente sobre o binário de gênero (homem e mulher), a fim de exemplificar o processo que acarreta a desvalorização das mulheres. No entanto, o patriarcado invisibiliza e oprime também as identidades que não se enquadram em um modelo heteronormativo e cisgênero. Vale lembrar que os homens são educados sobre essa cultura e, embora utilizem de muitas de suas vantagens, também sofrem opressão, como a educação de meninos voltada para um modelo de ser humano “forte” no qual não é permitido demonstrar suas sensibilidades e fragilidades.

O patriarcado, para Lerner (2019), é uma construção histórica constituída por homens e mulheres. Surgiu com o Estado arcaico⁴, que tinha como forma de organização a família patriarcal, suas regras e valores nas definições de gênero. Segundo a autora, papéis e comportamentos de gênero eram marcados por valores, leis, costumes e incumbências sociais.

De acordo com Saffioti (2004), o patriarcado é antigo, proveniente de sociedades remotas, contudo, sofre metamorfoses historicamente. Em determinado tempo e espaço, se o patriarcado era perceptível quando legalmente o homem tinha direito de assassinar a esposa, por exemplo, em caso de traição, hoje se manifesta quando a lei é branda ou descumprida quando as mulheres são assassinadas pelos seus parceiros, ou em casos de estupro, em que muitas mulheres omitem tal ato, devido às dificuldades ou medo de denunciar.

São diversos os exemplos práticos que retratam a atuação vigorosa do sistema patriarcal, como a diferença de oportunidades no mercado de trabalho, a diferença salarial e a não divisão

⁴ De 800 a.C. e 500 a.C.

equitativa do trabalho doméstico, entre outros. O patriarcado sempre está presente, mesmo que de uma maneira velada, por isso, a olhos despercebidos passa como algo habitual.

Segundo Saffioti (2004), o patriarcado é parte das relações de gênero. Para a autora, gênero é um conceito amplo e inclina-se à neutralidade, ou seja, ele sozinho não é capaz de evidenciar especificamente as desigualdades entre homens e mulheres. O conceito de gênero pode retratar tanto as desigualdades e as violências de homens contra mulheres ou vice-versa. Nesse contexto o patriarcado é aquele que indica, sem neutralidade, o “regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2004, p. 44).

A supracitada autora ainda aponta que o sistema de dominação-exploração culminado pelo patriarcado às mulheres não diz respeito apenas a bases econômicas, mas também ao controle de suas sexualidades. Ela aponta que inclusive na persuasão para que as mulheres tenham mais filhos ou não, “o controle está sempre em mãos masculinas, embora elementos femininos possam intermediar e mesmo implementar estes projetos” (SAFFIOTI, 2004, p. 106). Além disso, ainda hoje a sexualidade da mulher é um tabu entre a sociedade, a mulher se conhecer e ter preferências sexuais não é bem-visto, sendo que os mesmos atos são naturalizados entre os homens. As mulheres são alvos de críticas quando não desejam filhos, ou ainda, se possuem muitos. A sociedade patriarcal coloca regimentos no que é ser mulher, no que é permitido, no que é digno ou não.

A sexualidade feminina, que consistia na capacidade reprodutiva e sexual foi modificada antes mesmo da gênese da civilização ocidental, aponta Lerner (2019). Segundo ela, no período neolítico já havia a troca intertribal de mulheres. Tal ato visava evitar conflitos intertribais pelo casamento e o aumento de crianças para o trabalho na agricultura. Segundo a autora, as mulheres foram sendo adquiridas pelos homens como um recurso, como as terras adquiridas por eles. Assim, eram utilizadas como instrumento de troca tendo em vista o beneficiamento de suas famílias. “Depois, elas foram dominadas ou compradas para a escravidão, quando seus serviços sexuais eram parte de sua mão de obra e seus filhos eram propriedade de seus senhores” (LERNER, 2019, p. 262). Também segundo a autora, em todas as sociedades foram as mulheres as primeiras a serem escravizadas, enquanto os homens eram mortos.

De acordo com Lerner (2019), “a escravidão de mulheres, combinando tanto o racismo quanto o machismo, precedeu a formação de classes e a opressão de classes”. Ela acrescenta que as diferenças entre classes tiveram seu início constituídas nas relações patriarcais, pois a classe não é separada do gênero e sim “expressa em termos relacionados ao gênero” (LERNER, 2019, p. 262). Nesse sentido, as mulheres eram trocadas em transações de casamentos e a

posição social da mulher dependia do homem, fosse o pai ou o marido. Ainda, deve-se salientar que a primazia de classe foi diferente para homens e mulheres escravizados: “os homens eram primeiro explorados como trabalhadores; as mulheres eram sempre exploradas como trabalhadoras, fornecedoras de serviços sexuais e reprodutoras”, pois “a exploração sexual é a própria marca da exploração de classe” (LERNER, 2019, p. 264).

O patriarcado também é composto de hierarquias, no entanto, há uma solidariedade entre homens que estabelece e mantém o controle sobre as mulheres. As hierarquias existentes entre os homens, como por exemplo, de faixa etária, estão relacionadas ao desempenho de uma função social, fato que não abala a solidariedade masculina e a dominação sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2004). Gerda Lerner (2019) aponta que mesmo em sociedades coletoras onde a mulher ocupava espaço de notoriedade, elas, como grupo, nunca tiveram o poder de decisão sobre os homens, ou ainda de controlarem as condutas sexuais ou as operações matrimoniais, atos comuns aos homens.

Por milênios a história foi contada pelos homens (brancos e heterossexuais), considerados seres universais. Essa “falta de conhecimento do passado feminino nos privou de heroínas femininas, fato que apenas há pouco tempo vem sendo corrigido através do desenvolvimento da História das Mulheres” (LERNER, 2019, p. 278). Por muito tempo as mulheres foram colocadas de lado na busca por educação em escolas e universidades, enquanto aos homens esses lugares eram rotineiros; para as mulheres tais obstáculos tiveram de ser enfrentados e superados. Ainda, segundo a autora, a desvalorização da mulher acaba por fazê-la acreditar que suas experiências são insignificantes em relação ao seu próprio corpo, como a menstruação e o conhecimento da amamentação, entre outras questões do corpo feminino. “O pensamento patriarcal relega tais experiências definidas por gênero ao domínio do “natural”, do não transcendente. O conhecimento das mulheres torna-se mera “intuição”, a conversa entre mulheres torna-se “fofoca” (LERNER, 2019, p. 275).

Federici (2019) aponta que o termo *gossip*, hoje traduzido como fofoca, nem sempre foi assim. Esse termo fazia referência a assuntos entre amigas próximas, o que com a opressão feminina acabou tomando outro rumo de significado ficando rotulado como fofoca, conversa fútil, que semeia a discórdia entre as mulheres. Segundo a autora,

Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era a causa de uma força sem-par na era moderna (FEDERICI, 2019, p. 3).

Nesse sentido, percebe-se que o patriarcado está imbricado na sociedade há muito tempo. A caça às bruxas na Idade Média foi um genocídio de mulheres que não se sujeitavam a regras socialmente determinadas: mulheres que utilizavam suas sabedorias para a cura, mulheres sexualmente livres, viúvas ou solteiras eram taxadas como bruxas diante um Estado opressor e patriarcal. Federici (2004) aponta que isso

[...] foi também instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal na qual os corpos das mulheres, seu trabalho, seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos. O que quer dizer que os caçadores de bruxas estavam menos interessados no castigo de qualquer transgressão específica do que na eliminação de formas generalizadas de comportamento feminino que já não toleravam e que tinham que se tornar abomináveis aos olhos da população (FEDERICI, 2004, p. 310).

O patriarcado se encontra em pleno vigor e há séculos vem ditando regras e comportamentos. Entendemos que ele ainda incide na vida das pessoas e, se considerando o modelo binário de gênero, traz mais elementos de opressão às mulheres, com suas mudanças históricas nos tempos e espaços. Enfim, são inúmeros os exemplos sobre a atuação do sistema patriarcal: o trabalho doméstico, ainda é considerado função feminina, continua sendo invisibilizado e não remunerado. O mesmo acontece com o cuidado com os filhos e idosos, função que, geralmente, perante uma sociedade patriarcal, é feminina. O pai pouco precisa participar da criação dos filhos e dos serviços domésticos, a ele é empregada à função de sustento da família. Contudo, salienta-se que quando uma mulher exerce trabalho remunerado, continua sendo a responsável pelo trabalho doméstico e pela criação dos filhos, ou seja, jornadas dobradas ou até mesmo triplicadas são comuns entre as mulheres em um sistema patriarcal de gênero.

Esse mesmo sistema coloca o trabalho doméstico como um “atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina” (FEDERICI, 2019, p. 42). Segundo a autora, o trabalho doméstico foi designado como natural porque nunca foi destinado a ser remunerado.

No quadro 1, elencamos as obras utilizadas sobre essa discussão e suas contribuições, a fim de auxiliar outras pesquisas na utilização desse conceito.

Quadro 1 - Síntese das obras utilizadas no subcapítulo.

Autoras	Obras utilizadas	Contribuições
Heleieth Saffioti	Gênero, Patriarcado e Violência	Nessa obra a autora desvenda a lógica e a base material dos processos de dominação-exploração sobre as mulheres. Versa sobre como o patriarcado, capitalismo e racismo estão unidos em um processo de dominação e exploração das mulheres. Além disso, defende a unificação dos conceitos de patriarcado e gênero devido sua complementaridade.
Silvia Federici	Calibã e a Bruxa – mulheres, corpo e acumulação primitiva	A autora contribui na explicação de como a perseguição e a execução de mulheres consideradas como bruxas coincide com o surgimento do capitalismo. Ela mostra que o esquema de caça às bruxas culminou na destruição do controle que as mulheres tinham sobre suas funções reprodutivas e impulsionou o desenvolvimento de um patriarcado ainda mais opressor.
	A história oculta da fofoca – mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado	Esse texto faz parte do livro <i>Mulheres e caça às bruxas</i> , e contempla com a discussão do termo <i>gossip</i> ⁵ . A importância de se discutir termos muito utilizados pelas mulheres, os quais foram utilizados para degradá-las e defini-las. É uma contribuição fundamental para os estudos de gênero.
Gerda Lerner	A criação do Patriarcado – história da opressão das mulheres pelos homens	Essa obra contribui para a história das mulheres. A autora explora cerca de 2.600 anos para mostrar as origens da opressão das mulheres pelos homens. Ainda, a autora propõe uma discussão sobre classes, revela as diferentes maneiras vivenciadas e constituídas por homens e mulheres.

Fonte: Org. SCHMITZ A. M; BUENO, C. T. (2021)

Longe de exaurir as discussões sobre o tema do patriarcado, no próximo item, pensa-se nos trabalhos relacionados à Geografia a fim de compreender de que forma o tema vem sendo trabalhado.

Assim sendo, ao identificar os trabalhos que utilizam o conceito, faz-se breve síntese dos textos que possuem a palavra-chave patriarcado. O objetivo é compreender a percepção das autoras ao utilizar o termo em debate ao pesquisar diferentes temas, bem como identificar as principais referências teóricas empregadas.

Relações Patriarcais de Gênero na Análise Espacial

A utilização do conceito de patriarcado na análise espacial demonstra as relações de gênero autárquicas de supremacia do masculino sobre o feminino em todas as esferas da vida,

⁵ O termo *gossip* vem do inglês e significa fofoca. No livro “A história oculta da fofoca- mulheres, caça as bruxas e resistência ao patriarcado” Silvia Federici explica que em tempos remotos o termo *gossip* se referia à amigas próximas, e com o patriarcado esse termo começou a se alternar tomando a conotação de algo pejorativo aliado principalmente à figura feminina.

seja social, econômica ou cultural. Relações essas que relegam às mulheres papéis inferiorizados e a invisibilidade do seu trabalho.

Através da busca utilizando a palavra patriarcado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, que disponibiliza os trabalhos referentes às instituições de ensino brasileiras, foram identificados 15 resultados na área da Geografia, conforme quadro 2. Todos os trabalhos abordam as relações de gênero com ênfase, principalmente, nas problemáticas das mulheres. Assim, verifica-se no quadro 2 que o primeiro trabalho publicado foi em 1991, não havendo publicações até 2013, momento que se observa gradual aumento até o ano de 2020.

No quadro 2, nota-se que a partir de 2018 há um aumento na quantidade de trabalhos publicados, expressando o entendimento da importância do conceito de patriarcado para as pesquisas geográficas. Tais informações foram coletadas no ano de 2022, portanto, instigadas em verificar os dados de 2022 e 2023 utilizou-se a mesma metodologia de consulta no banco de dados da CAPES e verificou-se que houve mudança na organização dos dados da própria plataforma. Portanto, não aparecem as informações no formato que já havia sido coletado. Pela nova consulta, foram localizados somente quatro trabalhos na área de Geografia, de modo que não foi possível atualizar as informações.

Quadro 2 - Trabalhos na área de Geografia identificados no catálogo de teses e dissertações da CAPES através da busca pela palavra patriarcado

Título	Autora	Orientador/a	Universidade / Local	Ano
Relações de Gênero na Cidade. Uma Contribuição Do Pensamento Feminista à Geografia Urbana	Sonia Alves Calio		Universidade De São Paulo - São Paulo/SP	1991
Dinâmica Demográfica do Município de Santa Maria/RS: O Estudo acerca das Relações de Conjugalidade através dos Contextos do Patriarcado e do Espaço Paradoxal	Geani Nene Caetano	Benhur Pinos Da Costa	Universidade Federal De Santa Maria - Santa Maria/RS	2013
O Trabalho das Mulheres Agricultoras Familiares na Atividade Leiteira	Aline Motter Schmitz	Roseli Alves Dos Santos	Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná - Francisco Beltrão/PR	2014
TRABALHO, FÉ E PATRIARCADO: As Mulheres na Produção Socioespacial das Congadas de Catalão (GO)	Marli Jose Tavares	Carmem Lucia Costa	Universidade Federal De Goiás - Catalão/Go	2015
As Jovens Rurais e as Perspectivas de Permanência no Espaço Rural: Um Estudo de Caso no Campus Realeza da Universidade Federal da Fronteira Do Sul	Merce Paula Muller	Roseli Alves Dos Santos	Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná - Francisco Beltrão/PR	2016
Trabalho Doméstico: Avanços e Desafios no Início do Século XXI para as Empregadas Domésticas na Cidade de Catalão - Goiás Catalão (GO)	Sueley Luana Da Silva Inacio	Carmem Lucia Costa	Universidade Federal De Goiás - Catalão/Go	2016
A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho: Emancipação ou Precarização?	Mariana A. Roedel Salles Toro	Regina Celia De Mattos	Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro - Rio De Janeiro/RJ	2018
Mulheres Camponesas no Território Rural do Bolsão/MS: Protagonismo, Resistências e Contradições	Clariana Vilela Borzone	Rosemeire Ap. de Almeida	Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul /MS	2018
Arrumar e Servir: Trabalho Feminino e Vida Cotidiana no Setor Hoteleiro em Catalão (GO)	Natalia Soares Ferreira	Carmem Lucia Costa	Universidade Federal De Goiás - Catalão/Go	2018
A Produção do Espaço Escolar pelos Discursos de um Grupo de Docentes sobre as Relações de Gênero e Sexualidade em Chapecó, Santa Catarina	Flavia Rubiane Durgante	Benhur Pinos Da Costa	Universidade Federal De Santa - Santa Maria/Rs Maria	2018
As Mobilidades Socioespaciais das Agricultoras Familiares do Município de São Lourenço do Sul/RS	Caroline Tapia Bueno	Susana M. Veleda Da Silva	Universidade Federal Do Rio Grande - Rio Grande/Rs	2019
Raça e Patriarcado na Formação do Campesinato Nordestino	Maria Rosineide Pereira	Rafael Litvin Villas Boas	Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho/ SP	2019
A Construção das Territorialidades das Jovens Rurais Egressas dos Cursos de Agronomia e de Pedagogia da UFFS Campus/ Erechim e o Processo de Sucessão na Agricultura Familiar	Daiane Carla Bordulis Eduardo	Roseli Alves Dos Santos	Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná - Francisco Beltrão/Pr	2019
A Luta do “Oito De Março” como Espacialização Emancipatória do Debate Feminista no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)	Rosmeri Witcel	Sandra Procópio	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)	2019
TRABALHO, DOCÊNCIA E MULHERES: Uso e Apropriação do Espaço na Universidade Federal de Catalão	Viviane Cristina Dias De Jesus	Carmem Lucia Costa	Universidade Federal De Goiás	2020

Fonte: Catálogo de teses e dissertações da CAPES, (ago. 2021). Org. SCHMITZ A. M; BUENO, C. T. (2022).

Escolheu-se analisar, neste texto, os trabalhos que utilizam patriarcado como palavra-chave a fim de identificar a abordagem realizada pelas autoras, bem como, verificar quais obras foram utilizadas por estas para explicar o conceito (conforme abordado abaixo, no quadro 3).

Entre os 15 trabalhos identificados no quadro 2, seis deles possuem patriarcado como palavra-chave, são as pesquisas de Geani Nene Caetano (2013), Aline Motter Schmitz (2014), Marli Jose Tavares (2015), Mariana A. Roedel Salles Toro (2018), Caroline Tapia Bueno (2019) e Maria Rosineide Pereira (2019) e estes, metodologicamente, foram escolhidos para análise neste estudo.

Fez-se uma pequena síntese sobre a temática das pesquisas, que interconectadas à Geografia de Gênero, transitam entre temáticas das Geografias Agrária, Urbana, Cultural e Econômica. Tais trabalhos explicitam o processo de sujeição/exploração, de forma específica das mulheres.

No trabalho de Geani Nene Caetano (2013) “Dinâmica Demográfica do Município de Santa Maria/RS: O estudo acerca das relações de Conjugalidade através dos contextos do Patriarcado e do Espaço Paradoxal”, a autora identifica o matrimônio e a maternagem como únicas opções de vida para as pesquisadas, mesmo que estas não visualizem uma relação de opressão diante do sexo masculino. No entanto, ao explorar os padrões comportamentais de homens e mulheres nos espaços públicos e privados no contexto do patriarcado, identifica-se que a organização da sociedade impõe padrões a serem seguidos, sendo eles naturalizados através de papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

Aline Motter Schmitz (2014) na pesquisa “O trabalho das agricultoras familiares na atividade leiteira” analisou a participação das mulheres na atividade leiteira nos municípios de Francisco Beltrão e Salto do Lontra, ambos localizados na mesorregião Sudoeste do Paraná. A autora identificou que a atividade leiteira, realizada e gerida predominantemente pelas mulheres, passou para o controle dos homens após a modernização desse setor.

Utilizando o conceito do patriarcado, Schmitz (2014) salienta as diferenças entre os gêneros no espaço rural; nele as mulheres ocupam os espaços de cuidado, que dentro da lógica patriarcal são menos valorizados, enquanto os homens ocupam espaços de poder, representando a família em espaços públicos e de decisão. Há uma divisão sexual do trabalho em que se ressalta a separação entre os espaços público e privado, ocupados por homens e mulheres, respectivamente, assim são os homens que participam das capacitações técnicas, mesmo que as mulheres possuam extensivas jornadas de trabalho e sendo fundamentais para a produtividade no campo. A autora ressalta que mesmo com os avanços a partir das lutas dos movimentos de

mulheres, elas ainda estão em uma posição subordinada aos homens e na agricultura, principalmente na esfera econômica, uma vez que os homens são os intitulados chefes das unidades produtivas e representam a família nas entidades da agricultura familiar (SCHMITZ, 2014).

Marli José Tavares Netto (2015), em sua dissertação denominada “Trabalho, fé e patriarcado: as mulheres na produção socioespacial das Congadas de Catalão (GO)” lembra que o capitalismo coopta a força de trabalho das mulheres, em simetria com o patriarcado, o invisibiliza e explora. O espaço público de trabalho ocupado pelas mulheres é analisado pela autora como resistência à subordinação do patriarcado e no momento que conquistam ocupações consideradas masculinas (re)significam o espaço.

Ao analisar o aspecto cultural, econômico e religioso da festa das Congadas de Catalão (GO), a autora demonstra as mudanças nos tempos e espaços sobre o trabalho e a participação das mulheres, visto que assumem papéis sociais através de uma divisão sexual do trabalho patriarcal. A participação das mulheres se dá na organização e nos bastidores da festa (como extensão das funções relacionadas ao espaço privado destinadas a elas), o conflito aparece quando assumem posições de destaque, ato de enfrentamento da estrutura imposta historicamente. No entanto, ao assumir novas posições na festa e na sociedade, as mulheres acumulam jornadas de trabalhos, pois são as principais responsáveis pelo cuidado e trabalho doméstico (TAVARES NETTO; 2015).

Mariana A. Roedel Salles Toro (2018), no trabalho “A inserção da mulher no mercado de trabalho: emancipação ou precarização?” salienta que o capitalismo reforça e reproduz as relações de dominação e exploração das mulheres nas bases do patriarcado. O trabalho continua como elemento central no capitalismo, a partir do qual homens e mulheres se (re)produzem enquanto mercadoria, no entanto, a inserção no mercado de trabalho não ocorre de forma simétrica para ambos os sexos, pois, via de regra, ocupam funções distintas de acordo com papéis sociais atribuídos, além de que, as mulheres têm suas condições de trabalho associadas à vida familiar (maternidade, trabalho doméstico, dentre outros). Desse modo, as mulheres dedicam maior tempo para os trabalhos reprodutivos, principalmente as mulheres de menor renda. Ou seja, embora tenham buscado maior qualificação perante as políticas de inserção no Ensino Superior, o percentual de ingresso destas em cargos melhores remunerados é pequeno, e a diferença salarial na ocupação de cargos semelhantes é recorrente. Há uma disparidade, também, em relação à raça na composição de emprego, sendo que as mulheres pretas e pardas têm posições de maior exploração e informalidade. No entanto, em uma visão marxista, a autora

não acredita na emancipação feminina sem emancipação enquanto seres humanos perante o capital (TORO, 2018).

Na pesquisa “As mobilidades socioespaciais das agricultoras familiares do município de São Lourenço do Sul/RS”, Caroline Tapia Bueno (2019) analisa o contexto migratório das agricultoras e o processo de masculinização do campo atrelados à questão da sucessão familiar e à divisão sexual do trabalho (e da remuneração) na estrutura patriarcal de gênero da agricultura familiar.

Os papéis sociais atribuídos às mulheres as colocam como responsáveis por trabalhos não remunerados e/ou reconhecidos nas unidades produtivas da agricultura familiar. As dificuldades de acesso à terra e ao estudo, bem como a falta de participação nas tomadas de decisões e no gerenciamento das unidades produtivas, levam-nas a procurar outros espaços e a independência financeira, especialmente no âmbito urbano (BUENO, 2019).

No trabalho “Raça e patriarcado na formação do campesinato nordestino”, Maria Rosineide Pereira discute a unificação e a complementaridade entre o patriarcado, o capitalismo e o racismo, que perpassam todas as dimensões humanas (PEREIRA, 2019).

Pereira (2019) contribui através da discussão sobre a formação do campesinato nordestino em uma perspectiva sobre a diferença de classe social, mas para além desta, busca interpretar como as questões de raça e de gênero, através da territorialidade do patriarcado, contribuíram para a exploração e a invisibilidade do trabalho das mulheres negras. Através da interseccionalidade dos modos discriminatórios e de opressão (raça, classe, gênero), a autora situa as mulheres camponesas a partir da lógica patriarcal de dominação.

A diferença histórica demonstra caminhos e desafios diversos enfrentados por homens e mulheres no campo e, a divisão sexual do trabalho de acordo com o gênero demonstra, de forma material, o processo de invisibilidade e de exclusão das mulheres. As mulheres negras camponesas nordestinas, organizadas no Movimento Sem Terra (MST) resistem aos processos discriminatórios e buscam por um feminismo camponês e popular, considerando as vivências e os desafios a partir de suas perspectivas (PEREIRA, 2019).

Verifica-se, portanto, que os trabalhos consultados contribuem para o debate sobre a ordem patriarcal de gênero no âmbito da Geografia, pois são pesquisas que trazem elementos sobre a ação do patriarcado em diferentes tempos e espaços no território brasileiro. No quadro 3, identificamos as obras utilizadas por tais autoras, para explicação do conceito de patriarcado.

Quadro 3 - Obras utilizadas para discutir o conceito de patriarcado por Caetano (2013); Schmitz (2014); Tavares (2015); Toro (2018); Bueno (2019) e Pereira (2019)

Autoras analisadas	Autor/a e obra utilizada
BUENO, Caroline Tapia (2019)	SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho . São Paulo: Moderna, coleção polêmica, 1987, 134p.
	SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência . Fundação Perseu Abramo, São Paulo, Coleção Brasil Urgente, 2004.
	SAFFIOTI, Heleieth. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Séries Estudos e Ensaios – Ciências Sociais/ FLACSO / Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO – Brasil – junho 2009.
TAVARES NETTO, Marli José (2015)	ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado . São Paulo: Centauro, 2002.
	SAFFIOTI, H. B. Gênero, patriarcado, violência . São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
	SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica . Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, 2002.
CAETANO, Geani Nene (2013)	KING Ynestra. Curando as feridas: feminista, ecologismo e dualismo natureza/cultura. In: JAGAR, Alison; BORDO, Susan. Gênero, corpo, conhecimento , Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempo, 1997, p. 126-154.
	LAN, Diana. Género y territoria: la violencia domestica em espacios de vulnerabilidade y eclusion social – notas a partir de um caso em Argentina. In: SILVA, José, Maria (Org.). Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades . Paraná: Todapalavra, 2009, p. 281-299.
	DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade: In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. Gênero, corpo, conhecimento , Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempo, 1997, p. 42-61.
PEREIRA, Maria Rosineide (2019)	SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado, Violência (2015)
	SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica . Trad.: Dabat, Christine Rufino; Ávila, Maria Betânia. 1989.
	FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva , 2017
	ARRUZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo (2015)
TORO, Mariana A. Roedel Salles (2018)	DELPHY, C. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. Revista Brasileira de Ciência Política , v.17, Brasília, maio-agosto de 2015. Pp.99- 110. Disponível em: Acesso em 12 de janeiro de 2018.
	SAFFIOTI, H I.B. Gênero, patriarcado, violência . São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, 152p.
	SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência . Fundação Perseu Abramo, São Paulo, Coleção Brasil Urgente, 2004.

SCHMITZ, Aline Motter (2014)	FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: Uma Herança Ocidental. Revista fato&versões , v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: < www.catolicaonline.com.br/fatoeversoes >. Acesso em: 22. Ago. 2012.
	PATEMAN, Caroline. O contrato sexual . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 347 pgs. Tradução de Marta Avancini.
	GARCÍA-CELAY, L. M; NAVARRO, M. N. El Patriarcado: Una estructura invisible . Jul. 2002. Disponível em: < http://www.stopmachismo.net/marmar2.pdf >. Acesso em: 12 jul. 2012.

Fonte: CAETANO (2013); SCHMITZ (2014); TAVARES (2015); TORO (2018); BUENO (2019); PEREIRA (2019). Org. SCHMITZ A. M; BUENO, C. T. (2021).

*Não citamos as obras utilizadas como apud.

No quadro 3, acima exposto, é possível verificar as principais obras utilizadas nas pesquisas acadêmicas da Geografia brasileira, com a finalidade de explicar o conceito de patriarcado. O texto mais utilizado pelas autoras é a obra “Gênero, patriarcado, violência” da Heleieth Saffioti, considerada fundamental, visto que a autora traz exemplos didáticos sobre a atuação do patriarcado na sociedade e a interferência deste na vida das pessoas. Portanto, torna-se imprescindível sua consulta nas pesquisas sobre o tema.

Embora o quadro 3 demonstre uma ampla bibliografia para a análise sobre o conceito de patriarcado, ainda há diversos outros trabalhos importantes para o aprofundamento da temática. De modo que, com este texto, visa-se colaborar para que o conceito seja utilizado e aprofundado nas pesquisas acadêmicas, mas também em movimentos sociais e na sociedade em geral. Ainda, que possa contribuir para a reflexão sobre a importância do tema nas pesquisas geográficas, bem como indicar caminhos para a análise do patriarcado, que é recente no âmbito da Geografia.

Considerações Finais

O patriarcado é um conceito útil e necessário para discutirmos as desigualdades entre os gêneros em diferentes espaços e tempos. Considerando o modelo binário, o patriarcado explicita as diferenças entre homens e mulheres em todas as esferas, sociais, econômicas e culturais, que permeiam a vida de toda a população e Saffioti (2004) afirma que nenhum ser humano é livre do domínio deste sistema.

O patriarcado atua hierarquicamente de acordo com o gênero. Assim, as mulheres, em âmbito geral, são mais afetadas pelas suas consequências, seja nas diferenças de oportunidade

de trabalho, de remuneração e de segurança, entre outros. As teóricas Heleieth Saffioti, Gerda Lerner e Silvia Federici são fundamentais para a compreensão do conceito proposto nesta análise, portanto, há necessidade da leitura *in loco* dos textos indicados para quem deseja aprofundar a temática e, sugerimos o texto “Gênero, patriarcado e Violência” da Saffioti (2004) como ponto de partida.

Os trabalhos consultados no banco de teses e dissertações da CAPES retratam a situação das mulheres localizadas em diferentes tempos e espaços do território brasileiro. Cada qual com suas particularidades e com suas abordagens, contudo com um ponto em comum: a influência do patriarcado na vida das mulheres estudadas. Os trabalhos denunciam a invisibilidade do trabalho feminino e as dificuldades que ele impõe para o grupo.

Nas pesquisas em Geografia Humana, mesmo que o enfoque não seja abordagem de gênero, é importante que as (os) pesquisadoras (es) possuam a percepção sobre a atuação do patriarcado na construção espacial, que embora tenha passado por modificações no tempo e no espaço, permanece vigoroso e atuante na sociedade atual.

Por fim, o conceito de patriarcado é atual e útil no entendimento das relações sociais que permeiam todas as pesquisas de diferentes áreas, seu uso é essencial para que não se mascare a ação “do patriarca” e se consiga denunciar as relações hierárquicas de gênero que assolam a sociedade, seja essa rural ou urbana. Assim, as pesquisas, como as apontadas no texto explicitam as implicações do patriarcado sobre a vida das pessoas, pois são através delas que essas relações são denunciadas e chegam ao conhecimento da população.

Visa-se, portanto, que o termo analisado neste estudo seja cada vez mais utilizado nas pesquisas acadêmicas, em especial na Geografia, contribuindo para dar visibilidade a participação das mulheres na construção espacial.

Referências Bibliográficas

BUENO, Caroline Tapia. **As Mobilidades Socioespaciais das Agricultoras Familiares do Município de São Lourenço do Sul/RS**. 2019. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia – análise urbana regional) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas e Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

CAETANO, Geane Nene. **Dinâmica Demográfica do Município de Santa Maria/RS: o estudo acerca das relações de conjugalidade através dos contextos do patriarcado e do espaço paradoxal**. Santa Maria, 2013. 130p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **A História Oculta da Fofoca: Mulheres, Caça às Bruxas e Resistência ao Patriarcado**. Capítulo traduzido do livro *Witches, Witch-Hunting and Women* por Heici Regina Candiani. Boitempo, São Paulo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. Tradução Luiza Sellera. São Paulo, Cultrix, 2019.

PEREIRA, Maria Roseneide. **Patriarcado e Raça na Formação do Campesinato Nordestino**. São Paulo, 2019, 96p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (Territorial), do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), 2019.

SAFFIOTI, HELEIETH. **O Poder do Macho**. São Paulo, Moderna, 1987.

SAFFIOTI, HELEIETH. **Gênero, Patriarcado, Violência**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, Coleção Brasil Urgente, 2004.

SCHMITZ, Aline Motter. **O Trabalho das Mulheres Agricultoras Familiares na Atividade Leiteira**. Francisco Beltrão, 2014, 199p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2014.

TAVARES NETTO, Marli José. **Trabalho, Fé e Patriarcado: as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO)**. 2015. 107f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Geografia, Universidade Federal de Goiás, 2015.

TORO, Mariana Alejandra Roedel Salles; Mattos, Regina Célia de. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho: Emancipação ou Precarização?** Rio de Janeiro, 2018. 122p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Joseli Maria. Não Excluem Metade da Humanidade da Geografia Humana: entrevista com Janice Monk. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*. Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 148 - 152, jan. / jul. 2010. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/1295/938>>. Acesso em: ago. 2021.

Sobre as autoras

Aline Motter Schmitz - Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Francisco Beltrão, durante o doutorado foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre, bacharela e licenciada em Geografia também pela Unioeste. Docente colaboradora no Curso de Graduação em Geografia da Unioeste, campus de Francisco Beltrão. Integrante do Grupo de Estudos Corpo, Gênero e Diversidade (Unioeste - Francisco Beltrão). Pesquisa na área de Geografia e Gênero, com ênfase na Geografia Agrária e na organização de mulheres agricultoras.

Caroline Tapia Bueno - Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), durante o doutorado foi bolsista (CNPQ) de Doutorado Sanduíche no Exterior na Universidad Complutense de Madrid - Espanha. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2019), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (2016), durante a graduação foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2015-2016). Integrante do Grupo de Estudos Corpo, Gênero e Diversidade (UNIOESTE - Francisco Beltrão). Pesquisa na área de Geografia Agrária, com ênfase em Agricultura Familiar, Trabalho e Gênero.

Artigo recebido em 16/02/2023

Artigo aceito para publicação em 28/07/2023